



VIVÊNCIA NAS MARGENS: RESISTÊNCIA DO OFÍCIO DAS LAVADEIRAS DO RIO ACARAÚ, SOBRAL-CE

LIVING ON THE RIVERSIDE: RESISTANCE OF THE WASHERWOMEN IN ACARAÚ RIVER, SOBRAL-CE

VIVIENDO AL MARGEN: RESISTENCIA DE LAS LAVADEIRAS DO RÍO ACARAÚ, SOBRAL-CE

Igor Iury Carvalho Lima¹
Regina Celi Fonseca Raick²

Recebido: 29/04/2021

Aceito: 01/07/2021

RESUMO

As lavadeiras são mulheres que lavam roupa para seu sustento, e tem suas primeiras aparições no Brasil durante o final do século XVIII com as escravas. Entretanto, a prática da lavagem de roupa, como ofício remunerado já era vista, na Europa, a pelo menos dois séculos antes, enquanto no Brasil ainda era uma atividade de mulheres escravizadas, pobres, ou negras alforriadas. Além disso, sempre foi considerado um trabalho feminino simplesmente por estar vinculado a uma das atividades domésticas, e por essas serem consideradas leves, contudo, exige muito de suas praticantes por ser uma prática árdua pela rotina cansativa, o trabalho diário. Todavia, ao tratar da atual cidade Sobral, onde se encontra o rio Acaraú, e seus mais de 200 anos, o ofício tem perdurado e está atrelado tanto a história desta cidade, quanto história do Brasil, porém, não são retratadas como parte de tal, já que a historiografia durante muito tempo se preocupou em falar somente sobre os grandes nomes, ou mesmo de um conjunto específico de sujeitos, entretanto, são parte importante de sua memória.

Palavras-chaves: Lavadeiras, Ofício, Sobral, Rio.

ABSTRACT

The washerwomen are women who wash clothes as a livelihood, and have their first appearances in Brazil during the late 18th century with the slaves. However, the practice of washing clothes, as a paid job, had already been seen in Europe at least two centuries before, while in Brazil it was still an activity of enslaved, poor, or black women freed. In addition, it has always been considered a female job Only because it is associated to one of the domestic activities, and because these are considered easier, however, it demands a lot from its practitioners for being an arduous practice due to the tiring routine, the daily work. However,

¹ Graduando em História e Licenciatura na Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA. E-mail: igoriury123@hotmail.com

² Graduação em Sociologia e Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), mestra em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa. Professora efetiva na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), membro da Sociedade Portuguesa de Geografia. E-mail: raick@hotmail.com

when we talk about the city of Sobral, where the Acaraú River is located, and its past 200 Years old, the practice has endured and it is part of the history of the city and the history of Brazil, but they are not portrayed as part of such, because the historiography for a long time was concerned with talking only about the great names, or even a specific set of subjects, however, they are an important part of its memory.

Keywords: Washerwomen, Practice, Sobral, River.

RESUMEN

Las lavanderas son mujeres que lavan ropa para ganarse la vida y tienen sus primeras apariciones en Brasil a fines del siglo XVIII con los esclavos. Sin embargo, la práctica de lavar la ropa, como trabajo remunerado, ya se había visto en Europa al menos dos siglos antes, mientras que en Brasil todavía era una actividad de mujeres esclavizadas, pobres o negras liberadas. Además, siempre se ha considerado un trabajo femenino simplemente porque está ligado a una de las actividades domésticas, y porque estas se consideran ligeras, sin embargo, exige mucho a sus practicantes porque es una práctica ardua por la fatiga de la rutina, el trabajo diario. Sin embargo, al tratarse de la actual ciudad de Sobral, donde se ubica el río Acaraú, y sus más de 200 años, el oficio ha perdurado y está vinculado tanto a la historia de esta ciudad como a la historia de Brasil, sin embargo, no se retratan como parte de tal, ya que la historiografía Durante mucho tiempo se preocupó por hablar solo de los grandes nombres, o incluso de un conjunto específico de individuos, sin embargo, son una parte importante de su memoria.

Palabras Clave: Lavanderas, Práctica, Sobral, Río.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é referente à uma atividade avaliativa da disciplina de Prática II – Museologia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). A atividade consistia, basicamente, em construir uma exposição museológica no evento das Experiências Museológicas que estava na sua vigésima edição, organizado pela professora Regina Raick. O Evento foi conduzido no semestre atípico de 2020.1 de maneira virtual, devido a pandemia de COVID-19, onde foi possível trabalhar as experiências museológicas por via do Instagram³, Pinterest⁴ e Blogspot⁵ para o tema do Ofício das lavadeiras do Rio Acaraú em Sobral. Desse modo, este artigo é a narrativa utilizada para nortear a exposição que se encontra disponível nos demais meios.

O projeto remonta a uma imagem comum e banalizada de Sobral, que fica invisibilizada aos olhares de quem cruza o rio. O que é uma lavadeira? Facilmente, e obviamente, responderemos: “É uma mulher que lava roupa”, e de todo modo não estariam errados, sobretudo sem muitos questionamentos dos porquês da existência desse trabalho na beira de rios como é na cidade de Sobral. Lavam roupa na beira do rio para seu sustento ou

³ @oficiodaslavadeiras

⁴ https://br.pinterest.com/natantime/of%C3%ADcio-das-lavadeiras/?invite_code=f13d1e41594e497db5985e4449e04301&sender=702491379284335367

⁵ <https://bloglavadeiras.blogspot.com/?m=1>

economia familiar, geralmente são negras, no entanto, na região, as lavadeiras poderiam ser também de origem indígena, tendo em vista a forte presença da população autóctone durante a construção da região hoje conhecida como Sobral.

Durante a escolha do tema, uma pesquisa bibliográfica foi realizada – artigos, tese de mestrado e etc. –, no que concerne um estudo sincrônico e diacrônico do objeto de estudo para compreensão de suas origens e de sua resistência⁶ ainda nos dias de hoje, muitos desses textos registravam entrevistas orais, nos ajudando a conhecer mais e mais sobre o ofício. A partir disso, estudamos sobre a história social do rio, onde veremos os usos do rio para a população ribeirinha, e a negligência que a cidade teve durante a modernidade com o meio ambiente, ou seja, as consequências negativas que tem vida urbana no rio;

(Fritjof Capra,1996) “postula que, atualmente, vivemos uma crise de percepção derivada de uma visão que ignora a inter-relação e a interdependência entre sociedade e natureza. Dentro de uma perspectiva ecológica, é preciso perceber e reconhecer que a escassez dos recursos naturais, a degradação ambiental e social são aspectos de um mesmo problema: a concepção de mundo que separa natureza por um lado e sociedade por outro” (NASCIMENTO; NAKASU. *apud* Fritjof Capra,1996).

E entenderemos por modernidade:

“[A modernidade é] nesta passagem de tempo, velho e novo, antigo e inovador são imagens recorrentes, à medida que o caráter civilizador do processo globalizante de desenvolvimento econômico ao qual o Brasil estava inserido recorre à implantação de novos padrões estéticos, tanto urbanísticos, na organização da cidade, como arquitetônicos, na elaboração destas construções” (SOARES CARDOSO NETO, Francisco. 2017).

Em meio a isso, comparamos a narrativa transcrita sobre o rio encontrada na Casa do Capitão Mor sobre uma mulher que mora em Sobral e teve que aprender o ofício para se sustentar, às narrativas concedidas em entrevistas orais para poder entender essa relação dentro das últimas décadas. Com a ajuda de alguns moradores do bairro de Pedrinhas, foi possível identificar algumas ex-lavadeiras e marcar entrevistas orais, elas concordaram que as entrevistas fossem gravadas. Além disso, foi possível fazer e gravar uma entrevista com lavadeiras na prática do ofício durante visitas feitas no rio Acaraú em Sobral – acontecidas em novembro de 2019 e janeiro de 2021, e que seguem o roteiro dos problemas apresentados na próxima página.

Também foram encontrados por registros na Casa do Capitão Mor, assim como uma única fotografia que também não foi de grande ajuda na localização, contudo elas serviram para a construção discursiva. Apesar disso, durante um passeio pelo rio, foi possível localizar as lavadeiras na prática do ofício, ressaltando também a busca pelos materiais de lavagem usados

⁶ Resistem de maneira a não ceder ao desaparecimento.

por elas hoje e antigamente. Entretanto, poucos foram os registros fotográficos adquiridos em campo das lavadeiras em decorrência da insatisfação com a exposição de suas imagens, apenas algumas fotos a uma distância considerável. Essa insatisfação com a exposição de sua imagem pôde demonstrar, no momento das entrevistas, medo de um certo preconceito devido à falta de prestígio que seu ofício é visto, principalmente por depender do rio poluído, ou mesmo de suas condições sociais.

PROBLEMAS E MEMÓRIAS NAS MARGENS DO RIO ACARAÚ

O projeto remonta a uma imagem banalizada de Sobral, onde todos os habitantes que cruzam o rio banalizaram aos seus olhares. O que é uma lavadeira? Facilmente, e objetivamente, responderemos: “É uma mulher que lava roupa no rio”, e de todo modo não estariam errados, sobretudo sem muitos questionamentos dos porquês da existência desse trabalho na beira de rio como é na cidade de Sobral. Lavam roupa na beira do rio para seu sustento ou economia, geralmente são negras, no entanto, na região em destaque, as lavadeiras poderiam ser também de origem indígena, tendo em vista a forte presença da população autóctone durante a construção da região hoje conhecida como Sobral. Portanto, o ofício está atrelado tanto a história da cidade, e seus mais de 200 anos, quanto história do Brasil, porém, não são retratadas como parte de tal, já que a historiografia durante muito tempo se preocupou em falar somente sobre os grandes nomes, ou mesmo de um conjunto específico de sujeitos.

Figura 1: Fotografia da margem direita do Rio Acaraú, Sobral, 2014.



Fonte: Daniel Madeira, Exposição Ofícios em Extinção, ECOA Sobral.

Não é de se estranhar que com a chegada da modernidade, os ofícios tradicionais estejam desaparecendo, principalmente no que concerne ao ofício pela população ribeirinha do rio Acaraú. Sobretudo muitos questionamentos surgem dos porquês da permanência desse trabalho na beira de rios como é na cidade de Sobral, berço do projeto. Algumas imagens são comuns ao imaginar o Rio Acaraú em Sobral, a primeira diz respeito, atualmente, à poluição constante ao longo do rio pela população; e a segunda que é constituída por uma série de sujeitos, são eles: Os canoieiros, os pescadores e as lavadeiras. Qual a relação entre esses sujeitos com o rio? Ou melhor, e mais diretamente, como se dá o ofício das lavadeiras em meio a constante poluição do ambiente? Como é possível lavar a roupa em meio a poluição aquática? A roupa não fica suja com a água poluída? Não é de se estranhar que com a chegada da modernidade, os ofícios culturais estejam desaparecendo, principalmente no que concerne à população ribeirinha do rio Acaraú, sobretudo muitos questionamentos surgem dos porquês da permanência desse trabalho na beira de rios como é na cidade de Sobral, berço do projeto, por que, então, essas mulheres que tanto refletem a imagem de Sobral estão parando de lavar roupa?

De igual maneira, outrora o ofício foi tratado como uma válvula de escape, mas dentro da crescente modernidade, por um lado, há uma facilidade maior com algumas práticas. Desse modo, em relação à lavagem de roupa, podemos imaginar a máquina de lavar roupa, e o acesso a água encanada em casa. Contudo, mesmo com essa facilidade de acesso a água e na lavagem de roupa, o ofício ainda tem perdurado, por que lavar no rio e não em casa? Há acesso à água encanada em suas residências? Qual a diferença entre lavar na máquina e no rio? Aliás, outra questão óbvia, mas que deve ser lembrada, o que é uma lavadeira? Qual sua rotina? O que esse ofício ainda traz consigo nessa longa duração? Qual o significado do rio? quais os materiais usados na lavagem por essas mulheres? O que as levou a praticar esse ofício? O ofício está sendo passado a diante? Todos esses questionamentos devem nos levar então a responder à pergunta mais relevante de todas: qual a importância das lavadeiras? Não nos comprometemos em responder determinada indagação, mas levar o leitor/ouvinte a refletir e responder por si mesmo – os questionamentos aqui propostos servem como metodologia da avaliação/exposição da disciplina de Prática II – Museologia a qual esse artigo foi baseado.

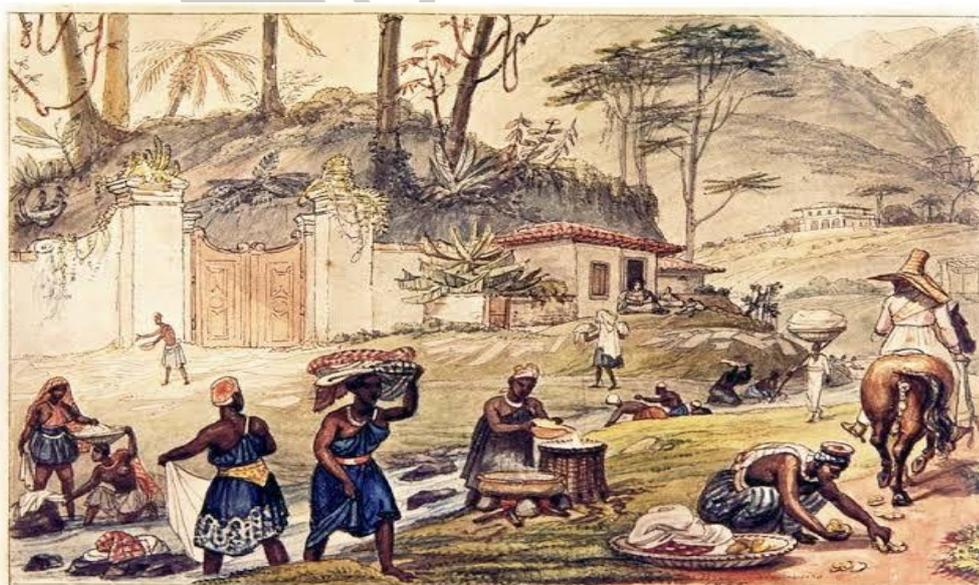
RAÍZES DA LAVAGEM DE ROUPA

O trabalho de lavadeira tem suas primeiras aparições no Brasil durante o final do século XVIII, e é visto mais frequentemente durante o século XIX. Entretanto, a prática da lavagem de roupa já era vista na Europa há pelo menos dois séculos antes como ofício

remunerado, enquanto no Brasil ainda era uma atividade de mulheres escravizadas, pobres, ou negras alforriadas. Como podemos ver nas ilustrações realizadas pelo Viajante Francês Jean-Baptiste Debret.

Além disso, sempre foi considerado um trabalho feminino simplesmente por estar vinculado a uma das atividades domésticas, inclusive por essas serem consideradas “leves”, contudo, exige muito de suas praticantes por ser uma prática árdua pela rotina cansativa, o trabalho diário. Todavia, ao tratar da atual cidade Sobral durante os séculos XVIII e XIX, a escravidão suposição sobre como essa prática tenha chegado nesse lugar, além da própria influência Europeia.

Figura 2: Lavadeiras do rio laranjeiras, 1826.



Fonte: <https://saibahistoria.blogspot.com/2018/10/lavadeiras-do-rio-das-laranjeiras-1826.html>

Os registros mostram que, durante o período imperial, era comum ver mulheres negras, reunidas em fontes d'água exercendo essa prática, porém havia algo que chamava atenção. Elas, mesmo realizando uma atividade pesada e em sua condição como escrava, sempre estavam se divertindo nesses espaços – conversando, trocando saberes, cantando, banhando e até mesmo namorando –, porque o ofício era muito mais do que a lavagem de roupa, é possível reconhecer como uma válvula de escape para a dura condição onde elas se encontravam. (LEMOS, 2017, p.5) Após a abolição da escravidão, fora imposta para essas mulheres e os demais escravos uma dura realidade, estes sujeitos foram libertos, no entanto não lhes foram dadas as circunstâncias sociais para desenvolverem atividades econômicas que oferecessem o seu sustento.

Ou seja, só restavam para eles optar por trabalhos informais de sobrevivência, portanto, muitas mulheres recorrem para a lavagem de roupa, que mesmo sendo uma prática árdua, recompensava muito, tanto pela remuneração – tendo em vista também que lavadeiras

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 15, volume 01, p. 115-130, Jan/Jul/2021.

ISSN: 1982-3800

trabalhavam duro – quanto pela satisfação em exercer a atividade – lembrando que as fontes d’água, em relação ao ofício, eram pontos de encontro em que as mulheres usavam para socializar, cantar e se divertir. Logo, muitas delas conseguiram se manter a partir da lavagem de roupa, em um contexto de uma extensa desigualdade social, principalmente vinculado às pessoas que saíram do estado de escravo ou descendem de escravos – o ofício era exercido também por mulheres brancas e pobres, sendo minoria.

Figura 3: Sabão Pavão.



Fonte: <http://www.fortalezanobre.com.br/2020/12/usina-ceara-fabrica-siqueira-gurgel.html>

Dentro desses dois contextos, europeu e brasileiro, a história da lavagem de roupas se mostra tão longa que parece impossível trabalhar sem os devidos recortes. É muito comum encontrarmos *obras de arte especialmente do período do realismo social do século XIX* relacionadas a mulheres com trouxas de roupa, ou baldes, na cabeça e saias longas indo ou voltando da beira do rio e, é claro, sempre acompanhadas. Entretanto, atualmente, se falamos em lavar roupa, lembramos, dentro das demais coisas, do sabão. Visto isso, o sabão teria sido feito por elas para que pudessem lavar as roupas, prática que já foi deixada de lado com o surgimento das indústrias de sabão, que surgiram na cidade em questão na segunda metade do Século XX, de igual maneira, outras coisas poderiam substituí-lo como plantas, urina, cocó de animais ou frutas. Portanto, cabe aqui entender como um aspecto importantíssimo no que concerne à lavagem de roupas pela grande massa de mulheres na longa duração. Ademais, veremos também invenções dos séculos XVIII e XIX que contribuíram para a lavagem, são elas a máquina de lavar e o secador de roupas, e ainda teriam as tábuas de lavar as quais roupas eram

lavadas e batidas para que sua sujeira saísse, enquanto que a máquina de lavar movida a energia elétrica só surgiria no século XX. Além disso, não vamos esquecer dos lavadouros públicos que surgiram face à modernidade dos espaços durante o século passado, reforçando de certa maneira os encontros para lavar roupa nas grandes metrópoles brasileiras, caso de São Paulo nos moldes de Paris, na medida em que se constituía, com esses espaços, uma higienização do ofício (MEYER, 2016, p.39-40).

O símbolo das lavadeiras que queremos relembrar é daquelas mulheres que cantavam e sorriam rodeadas de outras mulheres e crianças, afinal, tudo isso permanece em nossos dias, já que os métodos para lavagem evoluíram de maneira proporcional a desigualdade social intensificada dentro da modernidade no do século XX no Brasil. Qual a relação entre ambos? Durante o século XIX a lavagem de roupas era praticada por mulheres escravizadas que continuaram, muitas vezes, a lavar depois da abolição da escravidão para sobreviver já que não tiveram as condições para serem reinseridas na sociedade como cidadãos, gerando uma extensa desigualdade. Desse modo, com a chegada da modernidade, um novo padrão estético se instala, excluindo o que seria feio – estranho, sujo ou pobre – aos olhos dos “progressistas” – com isso, iniciasse o processo, ou políticas, de higienização nas cidades –, porque seriam coisas que barravam a “evolução” da sociedade. Ou seja, podemos dizer que muitos desses indivíduos foram removidos dos seus espaços de atuação e de moradia devido aos significados novos que eles lhe davam como propõe Soares (2017, p.4) com a disciplinarização dos espaços que a Modernidade trazia.

No que concerne às lavadeiras, muitos preconceitos surgiram com elas. Através disso, foram expulsas dos seus lugares de atuação, gerando, assim, os lavadouros públicos como política de higienização.

“Analisando o contexto parisiense do século XIX, Perrot (1992) traz o cenário do lavadouro enquanto um espaço disciplinar, tendo em vista o esforço das ideologias da época em racionalizar um modo de produção tido como autônomo: o trabalho doméstico. A construção dos lavadouros está ligada ao processo de urbanização e modernização vinculada à política de higiene sanitária, uma vez que a prática de lavar recebia a acusação de propagar pestes e epidemias, pois, até então, as roupas eram lavadas em qualquer lugar onde houvesse água” (MEYER, op. cit., p.39).

Ademais, dentro do recorte em análise os lavadouros não estiveram ligados a prática do ofício como uma medida de higienização, contudo, os preconceitos ligados a prática do ofício estão vinculados a poluição do rio Acaraú, afinal, se é comum essa visão de um rio poluído, conseqüentemente será comum, também, pensar que lavar roupa nele não seja higiênico, e que possa causar doenças. Não obstante, ainda sim, buscaram lavar nos rios pois tinham um melhor espaço de socialização – seja na história do ofício em Sobral ou de maneira

geral –, e podiam também economizar água, energia, tendo em vista que muitos lugares – interiores e subúrbios – ainda careciam de acesso a estes. Portanto, a modernidade se mostrou apenas para alguns na medida que excluiu os outros, logo, muitas mulheres não teriam acesso a máquina de lavar, água ou energia, e, por isso, foram aos rios, enquanto outras poucas poderiam lavar em casa de maneira “rápida”.

Além disso, muitas de nossas entrevistadas argumentaram que “*a máquina não lava tão bem quanto a gente*” e que preferem lavar lá pois se sentem mais “*aliviada*”,⁷ podem cuidar de seus filhos enquanto banham, se divertem conversando com outras mulheres, e, ainda, economizam água, mesmo que tenham acesso a ela, o lugar é mais espaçoso e tranquilo. Embora, ainda digam que o surgimento da máquina causa o desaparecimento da clientela, já que a roupa pode ser lavada em casa. O rio Acaraú ganha um significado diferente para essas mulheres, usam-no de modo doméstico, além de ser um lugar de paz e sociabilidade, que está sendo destruído pelo uso insustentável do rio pela cidade, entenderemos essa relação com o meio ambiente como uma “crise de percepção”.

Figura 4: Rio e o uso doméstico.



Fonte: Registro de Campo 1.

De todo modo, podemos notar um uso sustentável do rio por uma parcela da sociedade. Dentro dessas questões estão os motivos para lavar no rio, além de enfrentarem a desigualdade social nas margens do rio Acaraú, pois argumentam que este é o seu “*ganha pão*”, e é o que as resta já que “*o dinheiro de governo nunca é suficiente*”.⁸ Entenderemos, então, como um

⁷ Trechos da fala da entrevistada: Ana Paula da Silva Alves, janeiro de 2021.

⁸ Trechos da fala da entrevistada: Francisca Nagila Dorateu Ribeiro, janeiro de 2021.

descaso administrativo com a população e o meio ambiente – chegaremos nisso posteriormente –, que perceberemos que não é de agora, e sim desde a abolição da escravidão para ser simplório. Igualmente, da maneira que tem se sustentado, ainda passa adiante para as filhas dessas mulheres.

Segundo as entrevistas orais, as lavadeiras são, em grande parte, caracterizadas pelas roupas que usavam, logo, todas as manhãs andavam pela cidade recolhendo as roupas, usando sempre uma saia longa e equilibrando uma trouxa de roupas na cabeça – roupas que foram recolhidas ou que vão ser entregues, variando do horário do dia e da própria rotina de cada uma –, voltando, geralmente, no final da tarde para entregá-las. Aliás, é comum ver a presença dos filhos acompanhando suas mães na prática do ofício – vale ressaltar que, em campo, percebemos a presença de mais crianças durante o final de semana quando não têm aula –, além disso, muitos destes acabaram por continuar a exercer a atividade na família, seja como forma de ganhar a vida, seja como tradição: “*Minha mãe era “lavadeira” e ela deixou de lavar e eu continuei. Toda vez que ela ia eu ia com ela, aí eu fiquei lavando, lavo roupa pra fora*”.⁹ De tal modo que boa parte das entrevistadas alega que o mesmo foi repassado pelas mulheres de suas famílias – de suas avós para suas mães –, já outras afirmam que tiveram que aprender “sozinhas” para poder sustentar suas famílias: “*A origem “deiste” meu trabalho foi porque eu me separei, aí tive “oito filho né”, aí eu num tinha como dar de comer e eu ia pro rio lavar roupa*”.¹⁰

Figura 5: Roupas Quarando.



Fonte: Registro de Campo 2.

⁹ Trechos da fala da entrevistada: Maria Vanusa do Nascimento Rodrigues, novembro de 2019.

¹⁰ Trechos da fala da entrevistada: Maria de Fatima Belarmino Silva, novembro de 2019.

Portanto, há uma resistência dessas mulheres que continuam praticando e ensinando esse ofício as suas descendentes, resistência que foi sentida durante a pesquisa de campo. Ainda que com a constante poluição do rio Acaraú que amedronta suas clientelas e com a facilidade que surge das novas tecnologias para lavagem. Em suma, foram registradas mulheres e suas filhas exercendo o ofício – a ressaltar uma continuidade na tradição –, mesmo com todos os obstáculos e a desvalorização da profissão. Lavam as roupas nas margens do rio Acaraú, na cidade de Sobral, que passam pelos bairros, geralmente aos locais que elas moram, das Pedrinhas, Dom Expedito – Margem Direita –, no local conhecido popularmente como Os Gaviões – referente ao bairro dom expedito, atrás do North Shopping – e também na Margem Esquerda com pouca frequência, segundo alguns habitantes desses locais

Todos os dias essas mulheres se encontram em seus respectivos locais de trabalho, sentam em suas pedras, ou utilizam qualquer outro material que sirva de apoio para a lavagem – seja na parte mais rasa, seja mais funda do rio –, lavam, batem e ensaboam suas roupas, e ainda ensaboadas, elas deixam as vestes para “Quarar” – processo que consiste em expor a vestimenta ensaboada ao sol, deixando a mesma secar –, nas pedras ou na areia, variando da geografia do lugar do rio. Após esse procedimento, elas as lavam novamente para tirar o sabão e deixam para secar em outro lugar – em outras pedras ou areias, ou mesmo levam para secar em casa –, ao fim do dia, as roupas são entregues aos seus donos ou levadas para casa.

AS DUAS FACES DO RIO ACARAÚ

O ofício durante o século XX foi ameaçado pela crescente modernidade – pelas políticas de embelezamento e higienização – que tem removido essas personagens do campo de atuação, através de um processo de requalificação urbana que, no recorte em questão, não tem mostrado acolhimento a esses indivíduos, e principalmente tirado seu meio de sustento, ou seja, houve quem chamasse as lavadeiras de “propagadores de doenças”. Além desse pensamento, é importante lembrar a constante poluição das fontes d’água foi intensificada nos últimos anos, o espaço retratado nesta pesquisa diz respeito ao rio Acaraú na cidade de Sobral, mas a poluição de outros rios prejudica essas mulheres em outros lugares, gerando consequências não só as lavadeiras, mas também aos pescadores e canoieiros em Sobral. Portanto, esse ofício tem sido cada vez mais prejudicado por esses fatores junto ao aparecimento da máquina de lavar elétrica que facilita a lavagem, os frutos da modernidade.

É importante ressaltar que atualmente, as águas do rio Acaraú podem ser vistas de diferentes realidades, obtendo também diferentes significados. De um lado, as águas poluídas

geram um certo desprezo e esquecimento do rio, que outrora foi o principal meio de desenvolvimento da cidade. Assim, ao atravessarmos a ponte, vemos a predominância de uma vegetação, os aguapés, que cresce ao redor do rio indicando a poluição do lugar, contudo, a presença dela visa combater a poluição, mas o acúmulo dos aguapés prejudica o uso social do rio.

Figura 6: Esgoto Despejado no rio.



Fonte: Registro de Campo 4.

Além do esgoto e lixo depositado constantemente em suas margens, pois não precisamos procurar muito para ver sua poluição. Igualmente, fruto de uma modernidade e de uma percepção cada vez mais “separada” do meio ambiente, por vezes banalizado e distanciado, e essa distância entre os sujeitos está vinculada com grande parte dos problemas naturais e mesmo sociais. A outra face do rio está no significado que a população ribeirinha dá ao mesmo. Durante nossa primeira visita em campo, conhecemos o senhor Otaviano – que nos guiou, residente das margens do rio, filho de lavadeira. Ao pedirmos informação ele se ofereceu para nos levar ao local em que a roupa é lavada e disse que já estaria indo para o local pois iria “*dar um mergulho*” no rio. Logo, o indagamos sobre a poluição da água e ele disse que não havia muitos problemas, já que “*a correnteza leva a poluição embora*”.¹¹

Desse modo, percebemos o significado dessas águas para a população ribeirinha, elas estão ligadas desde cedo em seus espíritos, um lugar de distração para o banho é um exemplo disso. Ademais, para as lavadeiras, percebemos que aquelas águas são sagradas, já que o lugar é um ponto de encontro social (EMPINOTTI, 2008, p.8), ali elas lavam, banham, cuidam de

¹¹ Trechos da fala do entrevistado: O Sr. Otaviano (...), novembro de 2019.

seus filhos – seja como um ponto de encontro das crianças, seja passando a tradição da lavagem – e interagem entre si. Contudo, por que não lavam roupas em casa? Uma das entrevistadas afirmou que passa mal quando não vai lavar roupa no rio, uma espécie de necessidade de estar ali.

Figura 7: Banho no Rio Acaraú.



Fonte: Registro de Campo 5.

Ou seja, mesmo com a degradação do rio, esses sujeitos continuam a usá-lo por seu significado, contudo seus praticantes estão aos poucos deixando o lugar em decorrência da insustentabilidade dele. As águas têm ficado cada vez mais escuras ao longo dos últimos anos em decorrência de esgotos cada vez mais frequentes nas margens. Desse modo, questionamos as lavadeiras sobre sua relação com a poluição, afinal, a roupa não ficaria suja? Elas argumentam que como “*a água é corrente, não prejudica a lavagem*”, e ainda sim, “*as roupas saí até mais limpa e cheirosa*”.¹² A face da poluição está na totalidade do centro urbano, e sua negligência ao uso das águas, pois não se consideram dependentes delas e por isso podem jogar seus dejetos no rio, uma concepção que ignora a relação direta com o meio ambiente. Portanto, o ofício perdura com dificuldade e estabelece para si novos significados para o que é ser uma lavadeira: é resistir a desigualdade, denunciar a poluição e todo o descaso com o meio ambiente e a população de maneira quase inconsciente, socializar, divertir-se e viver de maneira sustentável em face a toda exclusão proporcionada desde o fim do século XIX. Segundo uma de nossas entrevistadas Nagila Ribeiro, uma lavadeira é:

¹² Trechos da fala da entrevistada: Francisca Nagila Dorateu Ribeiro, janeiro de 2021.

“Uma pessoa que luta né, com a roupa do dia a dia. As roupas que a gente sempre precisa para lavar... que nunca a gente tem dinheiro suficiente, porque cê sabe que dinheiro de governo nunca é suficiente né, a gente sempre tem que trabaia lavando roupa no rio {...}, minha mãe sempre dizia”.¹³

Figura 8: Lavadeiras do Rio Acaraú.



Fonte: Registro de Campo 6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é mais curioso é que o ofício não deixa de ser árduo, e mesmo assim é praticado de maneira singular, isso se dá por pelo grau de socialização que as mulheres tem no rio na medida em que lavam suas almas, ou seja, ainda perdura como uma válvula de escape. Além disso, na medida em que a sociedade está em constante progresso com a modernidade, podemos também considerar um progresso falho em questão de ser seletividade e sustentabilidade, já que muitos indivíduos são excluídos, e o meio ambiente está sendo destruído aos poucos, lembremos da poluição do rio e dos preconceitos comuns aos usuários do mesmo, gerando, portanto, uma diminuição na procura do ofício pela clientela também na medida em que, com a chegada da máquina de lavar, as lavadeiras ficam cada vez mais esquecidas. Logo, o ofício perdura, resiste, mas o faz com dificuldades. Tendo em vista as águas do rio lembremos de uma tirinha que retrata dois peixes em um ambiente aquático poluído¹⁴, eles veem um jornal na água

¹³ *Ibid.*

¹⁴ A tirinha citada foi vista uma vez de relance no Instagram, mas infelizmente não foi possível guardá-la, ou mesmo achá-la na internet. Foi feita uma cópia caseira que expressa a essência da crítica contida, mas o autor permanece anônimo, assim como as demais informações sobre o material.

que diz “cientistas encontram água em Marte”, tendo lido isso um peixe vira para o outro e diz “como chegamos em Marte?”.

Portanto, ressaltamos a importância de questionar a permanência de ofícios culturais em decorrência de seu desaparecimento com um intuito de perceber a negatividade da instalação modernidade já que, cotidianamente, fomos ensinados a lidar com a comodidade da vida moderna sem considerar determinados processos históricos, problematizando a sociedade ao nosso redor.

Figura 9: Desconhecida.



Fonte: desconhecida.

AGRADECIMENTOS¹⁵

Ana Lilian Sousa Araújo

Eliete Araújo Magalhães

Nyara Brito Ximenes

Natã de Paulo Brandão¹⁶

Pablo Rocha Sampaio Carneiro

ENTREVISTAS ORAIS

Ana Paula da Silva Alves, janeiro de 2021.

Francisca Nagila Dorateu Ribeiro, janeiro de 2021.

¹⁵ Grupo que contribuiu para a pesquisa de campo e com a apresentação dessa narrativa na disciplina de Prática I – Educação Patrimonial e Prática II – Museologia.

¹⁶ Desenhou a cópia da tirinha acima.

Kariny Almeida Gabriel, set/out/nov de 2019.¹⁷

Maria de Fatima Belarmino Silva, novembro de 2019.

Maria Vanusa do Nascimento Rodrigues, novembro de 2019.

O Sr. Otaviano (...), novembro de 2019.¹⁸

Teresa Clemente dos Santos, novembro de 2019.

REFERÊNCIAS

MEYER, Johanna Brígida Rocha Ribeiro. **Lavadeiras vão à luta: organização e atuação da ALARMES na Bahia (1983-2002)**. 2016. p.83. Dissertação (mestrado História) –Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

EMPINOTTI, Vanessa. **Quando ter água na torneira não é o suficiente: os diferentes significados da água em uma comunidade ribeirinha do Baixo Rio São Francisco**. In: Encontro Nacional da Anppas, IV, 2008, Brasília – DF. Sociedade e Meio Ambiente. [S.l: s. n.], [S.d.]. p.1-15.

FERNANDES, Carmirene; SCHLEICH, Olivanda; MONTEIRO, Uiry; OLIVEIRA, Júlia; TAVARES, Ricardo. **HISTÓRICO DA DEGRADAÇÃO DO RIO ACARAÚ NA CIDADE DE SOBRAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3º, 2016, Natal - RJ. **Anais...** [S.l: s. n.], [S.d.]. p.1-11.

LEMOS, Aline Cunha. **“Às margens” das lagoas lavando suas roupas (e “hidratando” suas almas): ancestralidade e atualidade de mulheres afro-brasileiras e a construção de saberes em espaços não-formais**. [S.l: s. n.], 2017.

<http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/A/Aline_Lemos_da_Cunha_56.pdf>. Acesso em 3 de jul. 2021.

NASCIMENTO, Francisco; NAKASU, Licurgo. Percepção ambiental: lavadeiras de roupas do Rio Contendas, cidade de Massapê – CE. **Revista Homem, Tempo e Espaço**, Sobral (CE), v. 1, n. 1, p.1-17, 2007.

SOARES, Francisco C. Neto. **De margem a margem: Memórias de Lavadeiras e as Normas da Modernização (1960/1970)**. In: Encontro Regional Nordeste De História Oral, XI, 2017, Fortaleza. Ficção e Poder: Oralidade, Imagem e Escrita, [S.l: s. n.], [S.d.]. p.1-18.

¹⁷ Amiga, licenciada em História, e moradora do bairro das Pedrinhas (Sobral) que ajudou a desenvolver as entrevistas e que também foi entrevistada.

¹⁸ Infelizmente, não foi possível reencontrar o senhor Otaviano para identifica-lo melhor devido a ele ter sido removido de sua residência na margem.